Idéia ingênua, porém funesta

SÉRGIO AUGUSTO
Da Sucursal do Rio

Se voltou a febre amarela, por que não haveria de nos atacar novamente o vírus da historite? É uma praga cíclica, alimentada pela certeza de que conhecemos muito mais o passado de civilizações estrangeiras (e hegemônicas) do que o nosso e pela desconfiança de que as formas narrativas de maior aceitação popular podem ajudar a superar essa diferença. Também já acreditei que, se ensinada em quadrinhos, por exemplo, a História do Brasil ficaria menos fastidiosa. Mas as experiências nesse sentido só fizeram enfastiar os quadrinhos. Logo depois, descobri o óbvio: a História do Brasil pode ser muito interessante se lida nos compêndios adequados, que nem sempre, infelizmente, são aqueles incluídos nos currículos escolares.

Há quatorze anos, quando a Embrafilme ainda se chamava INC, o então ministro da Educação, Jarbas Passarinho, anunciou a hora e a vez dos filmes históricos como a maneira mais eficaz de tornar conhecido do grande público "o nosso glorioso passado". Recomendou que se estimulasse a produção de superespetáculos históricos, com amplos recursos técnicos. Cedo o INC ficou abarrotado de projetos sobre a epopéia do Correio Aéreo Nacional, a obra pacificadora do marechal Rondon e feitos do mesmo calibre.

A maioria não saiu do papel. Geraldo Sarno ainda conseguiu concretizar e lançar uma biografia do industrial Delmiro Gouveia, mas Walter Lima Júnior teve de contentar-se em contar a saga da freira Joana Angélica em vídeo, por sinal desprezado pelas estações que estão no ar, apesar dos elogios de quantos puderam vê-lo. Joaquim Pedro de Andrade fez uma reinterpretação tão austera da Inconfidência Mineira, em "Os Inconfidentes", que o público acostumado ao superficialismo global de "Independência ou Morte" acabou rejeitando-a. Paulo César Saraceni não teve melhor sorte com "Anchieta". Do custoso e desastrado "A Batalha dos Guararapes", de Paulo Thiago, guardo somente uma crítica curta, grossa e definitiva do humorista Jaguar: "Desta vez, o Brasil perdeu."

É muita ingenuidade do senador Jorge Kalume acreditar ser possível reproduzir entre nós, por decreto, o que o cinema americano fez com os heróis de sua gente, na maioria das vezes manipulando a História. E há vários problemas a considerar. O primeiro diz respeito ao cinema brasileiro, que mal está conseguindo produzir pornochanchadas. Se, em meio à gravíssima crise em que se debate, receber um decreto como o do senador pelas costas, pode tubular de vez. Salvo, presumo, se for possível conciliar certos episódios do nosso glorioso passado com o gênero mais rentável do País. Que tal "As Devassas da Inconfidência"?

Outro problema: a qualidade do filme e da interpretação histórica que lhe servirá de suporte. Em abril de 1977, esta Ilustrada mandou um repórter investigar à saída de um cinema paulistano o que o filme "Tiradentes, o Mártir da Independência" havia ensinado aos espectadores. Pouquíssimos souberam explicar por que ideais o mártir de Vila Rica havia lutado.

Ademais, de que História estamos falando? Silvio Tendler "fez" História com "Os Anos JK" e "Jango", sem decreto. E já que tocamos em dois bem sucedidos documentários cuja base de sustentação são velhas imagens de cinejornais, sugiro aos que se preocupam em ver o nosso passado mais presente nas telas e nos vídeos que ajudem as nossas cinematecas a recuperar e preservar o pouco que ainda nos resta da memória filmada do Brasil. Com verbas. Com decreto. Com o que preciso for.